

ENTREVISTA DE DOMINGO

Resgatar o gosto pelo saber e a vontade de aprender é o nosso principal desafio no acompanhamento psicopedagógico

MARIA TERESA PEDRO, 57 anos, é psicopedagoga especializada em psicologia escolar

► EDUCAÇÃO

“Nada substituirá o vínculo afetivo”

SIMONE DE OLIVEIRA
scoliveira@jj.com.br

sua realidade, e não apenas teorias.

Há quase 40 anos, a pedagoga Maria Teresa Pedro escolheu a Educação como profissão. Iniciou o trabalho com crianças e adolescentes em 1974, quando ainda cursava a faculdade de Pedagogia com habilitação em excepcionais, na PUC Campinas. Mais tarde, especializou-se em Psicologia Escolar e Aprendizagem e fez pós-graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional.

Mas o contato com esse público vem de muito cedo. Aos 15 anos, essa jundiáense já desenvolvia um trabalho voluntário em favelas da cidade, onde ensinava crianças carentes.

“Acho que nasci para ensinar”, revela. Sua especialização em psicopedagogia também é precoce. Logo que se formou na faculdade ingressou nessa área de trabalho. “Naquela época, nem se falava em psicopedagogia, chamávamos de reeducação pedagógica”, comenta. Atualmente, divide-se entre as consultas no Crescer (Centro de Orientação e Reeducação Pedagógica) e consultorias a professores e escolas.

Junto com pais e professores, procura ajudar crianças e adolescentes na busca do aprendizado, utilizando métodos e procedimentos que os auxiliem a enfrentar as barreiras da aprendizagem. De acordo com ela, a dificuldade no aprendizado não deve ser tratada simplesmente como falta de vontade do aluno ou do professor. “Uma série de causas deve ser trabalhada, já que a dificuldade de aprendizagem pode ter diversas naturezas, pode ser passageira ou fazer parte de uma fase da vida escolar e, se não for tratada, pode acarretar problemas futuros gerando uma sensação de fracasso”, acredita.

Entusiasmada quando o assunto é crescimento educacional, Maria Teresa acredita que a Educação caminhará muito melhor quando as escolas se preocuparem menos com o conteúdo e ensinarem crianças e adolescentes a aprender. Um aprendizado focado em algo que realmente elas possam comparar com

Jornal de Jundiá Regional: Atualmente, quando o assunto é Educação, qual o papel do psicopedagogo?

Maria Teresa Pedro: Nosso objetivo é atender crianças e adolescentes dos 5 aos 18 anos que frequentem as mais diversas escolas e com as mais variadas metodologias de ensino, mas que precisam de auxílio no aprendizado num determinado momento de suas vidas. A psicopedagogia tem o objetivo de descobrir as causas das dificuldades no aprendizado, e o motivo daquela criança ou adolescente não aprender, para assim poder ajudá-los a superar suas dificuldades e resgatar sua autoestima.

JJ: Cada criança é tratada de uma maneira diferente?

Maria Teresa: Sim, até porque

nem todas aprendem da mesma forma e ao mesmo tempo. O trabalho do profissional é buscar os melhores caminhos para a aprendizagem. O aluno com dificuldades na escola se sentirá infeliz, inseguro e não irá se adaptar à metodologia de ensino, por isso, é preciso descobrir as causas de suas dificuldades e fornecer ajuda adequada.

JJ: Quais são as principais dificuldades durante o processo de aprendizagem?

Maria Teresa: O aluno pode apresentar dificuldades no processo de alfabetização, distúrbio de leitura e escrita, dislexia, dificuldade no raciocínio lógico, não se adaptar à metodologia escolar, ou até ter dificuldade perceptivo-motora com implicações no traçado e coordenação motora. Algumas vezes, a capacidade intelectual não condiz com o desempenho do aluno, ou seja, a criança é inteligente, esperta, estimulada, mas seu desempenho escolar é aquém do esperado. Costumo citar o seguinte exemplo: se tivermos dificuldades para aprender música, poderemos passar a vida toda sem tocar nenhum instrumento sem que isto nos seja cobrado e sem nos sentirmos inferiores a outras pessoas, mas se nessa situação for para escrever inanos será cobrado social e peda-



CRISTINA HAUTZ

PELA EDUCAÇÃO Maria Teresa ajuda crianças a aprenderem e faz questão que este aprendizado seja com a ajuda dos pais

gicamente ao longo de nossa vida.

JJ: Quais as principais queixas que você recebe em seu consultório?

Maria Teresa: Aparece de tudo um pouco, como dificuldade no aprendizado em determinada matéria, desinteresse pelos estudos, falta de envolvimento e compromisso com atividades escolares, métodos inadequados de estudo, recusa em ir para a escola por não gostar de ler, ter uma dificuldade na escrita, no traçado e até falta de responsabilidade. A dificuldade no aprendizado não deve ser tratada como simples questão de falta de vontade do aluno ou do professor. Uma série de causas deve ser trabalhada já que a dificuldade de aprendizagem pode ter diversas naturezas e pode ser passageira ou fazer parte de uma fase da vida escolar e, se não for tratada, pode acarretar problemas futuros gerando uma sensação de fracasso.

JJ: Como os pais podem ajudar?

Maria Teresa: Estabelecendo uma rotina diária para que a criança desenvolva hábitos de estudos diários. Aliás, o espaço onde a criança executa as tarefas deve ser fixo e organizado. Os pais devem estar

à disposição para ajudar a criança em suas dúvidas, mas nunca fazer o dever dela. O importante é sempre manter um contato com a escola e estabelecer uma parceria para ser comunicado em caso de qualquer mudança no comportamento do filho. A criança tem como mais importante em sua vida a escola, os professores e os amigos e se algo na escola vai mal parece que tudo fica comprometido, então começa a surgir o desinteresse, o desânimo e comportamentos negativos.

JJ: Nesse processo, os professores precisam ser parceiros dos psicopedagogos?

Maria Teresa: Sim, e muito. Sempre faço orientação em sala de aula e acompanho os professores. Quando há um envolvimento entre família e escola, o nosso trabalho vai mais rápido porque a criança percebe esta preocupação e fica mais segura. A psicopedagogia ensina a criança de modo que ela entenda. Não adianta repetir o que a escola está ensinando, e sim buscar métodos e alternativas que possam fazer com que este aluno entenda o conteúdo de outra forma.

JJ: Como a escola pode ajudar no processo de aprendizagem

diante de 'ameaças' como a internet, jogos eletrônicos e livros virtuais?

Maria Teresa: A tecnologia a qual nossas crianças e adolescentes têm acesso é envolvente e motivadora. Precisamos nos conscientizar que estamos em pleno século 21 e a evolução tecnológica é real e cada vez mais será maior e mais rápida. Isso não terá volta. A escola, então, precisa estar ciente que ninguém aprende sem afeto e por mais que a tecnologia evolua nada substituirá os vínculos afetivos. Diante de toda essa 'ameaça' tecnológica, os professores precisam amar o que fazem e investir na qualidade do afeto e respeito entre aluno e professor. Só assim as crianças crescerão fortalecidas e envolvidas pelo gosto de aprender. Nada supera a qualidade das relações humanas.

JJ: Então, o que os pais devem fazer?

Maria Teresa: Cabe a eles limitar e supervisionar o acesso às redes sociais e jogos. Isso também faz parte da educação dos filhos. Não adianta desligar o computador ou cortar o acesso só quando o adolescente tiver 15 anos. Os limites precisam ser iniciados desde cedo e a criança tem condições de entender e respeitar

as regras. Somos seres sociais e buscamos sempre nos relacionar, mesmo que seja por meio da internet. Como educadores, precisamos estar atentos às necessidades dos alunos e usar a tecnologia a favor da aprendizagem.

JJ: São tantos os problemas com nossa educação a ponto de os pais procurarem ajuda fora da escola?

Maria Teresa: Hoje em dia, os pais valorizam muito mais a educação e por isso estão mais preocupados com seus filhos. Antigamente, se a criança não aprendia, os pais simplesmente a tiravam da escola. Aceitavam que ela não queria aprender, e não buscavam as causas desse desinteresse. Hoje, essa mentalidade mudou, pois os pais querem que seus filhos aprendam. E a criança quer se sentir capaz, tirar notas boas, mostrar aos seus colegas de classe o quanto ela é inteligente. Além disso, a escola está mais atenta aos problemas e aos distúrbios, diferente de antigamente, quando não existia um diagnóstico e aquela criança hiperativa era considerada mal-educada. Agora é possível fazer um diagnóstico e propor um tratamento.

JJ: O que você acha do processo de inclusão, atualmente aplicado nas escolas?

Maria Teresa: Os pontos positivos são as questões sociais, uma vez que a criança com dificuldade de aprender tem a oportunidade de conviver com outras da mesma faixa etária, o que é importante para que cresça e se sinta igual às outras. Para os colegas, é uma maneira de conviver com o diferente, brotar um sentimento de solidariedade, tanto para a criança com dificuldade como aquela que passa pelo processo de inclusão. No entanto, a maioria das escolas não está preparada para receber estas crianças. Quase diariamente recebo professores perdidos nesse processo de inclusão. É um processo que ainda está em construção, e ainda precisa ser melhorado.

JJ: O que torna seu trabalho gratificante?

Maria Teresa: É ter a certeza de que os problemas podem ser superados e que o futuro poderá

ser brilhante também para aqueles que têm grandes dificuldades no início da jornada. Nesse percurso de quase 40 anos de profissão, me chama a atenção o fato de nunca ter encontrado um aluno que vai mal na escola por vontade própria. Observo que toda criança ou adolescente quer mostrar aos pais e professores que é capaz e se ele não aprende é porque algo precisa ser revisto, em uma esfera cognitiva, emocional, metodológica ou até neurológica. Resgatar o gosto pelo saber e a vontade de aprender é o nosso principal desafio no acompanhamento psicopedagógico.

“Diante de tantas ameaças tecnológicas, os professores precisam amar o que fazem e investir na qualidade do afeto”